

geografia epistolar :: [surrealpolitik.cartografia.org](http://surrealpolitik.cartografia.org)



**a noite nunca é plena**

carta de marcelo castro para eleonora fabião

## Onde quer que esteja

Onde quer que esteja, em qualquer lugar na Terra, escondo dos outros a certeza de que n ã o s o u d a q u i.

Como se tivesse sido enviado para absorver o máximo das cores, sons, cheiros, sabores, provar de tudo o que é reservado ao Homem, converter o vivido num registo mágico e levá-lo para lá, de onde parti.

*Belo Horizonte, 8 de julho de 2020*

Eleonora querida,

salve salve!

Vim te escrever esta carta e encontrei esse poema do poeta

[polonês Czesław Miłosz

em um antigo rascunho não enviado para você.

Não sei porquê não te enviei, mas consigo entender o que me fez escrever seu nome no campo — destinatário e anexar essa

[imagem no corpo do email.

É que desde a primeira vez que te ouvi

(desde aquela caminhada de ponta a ponta na Avenida Paulista)

[— eu soube que você

*nãoédaqui*

como se tivesse sido enviada

para absorver

o máximo das cores, sons, cheiros, sabores

provar de tudo e converter o vivido

num registro mágico e levá-lo para lá, de onde

partiu.

Minha amiga-luz — meu amarelo — meu descanso corajoso,

desde o começo dessa tragédia que nos paralisou a todos  
tenho pensado em te escrever.

(sempre evoco você nos momentos de intensa alegria ou de dor)

Preciso ouvir suas palavras.

Você que me disse logo após o golpe de 2016 (o golpe que abriu  
[a porta para a desgraça])

Que a partir daquele momento teríamos que trabalhar em  
[dobro, como artistas teríamos que criar em dobro,  
encher o mundo de sensibilidade, produzir outros mundos  
[incansavelmente.

E assim fizemos.

E eu te pergunto, e agora?

mas já intuo a sua resposta porque sei que você está ativa  
abrindo janelas

promovendo encontros

desencapando fios

agindo para que doações cheguem ao hospital da UFRJ.

Imagino que agora tenhamos que trabalhar o triplo não é mesmo?  
Como fazer para não perder o sensível, o afeto, a ternura?

“O contrabaixista Ron Carter dizia que sua função num quinteto de jazz (e ele tocava no quinteto de Miles Davis) era tocar sempre a nota que impedisse os outros músicos de tocar a nota que eles imaginavam que iam tocar, obrigando-os sempre a encontrar uma nota inesperada. Penso nessa frase, obsessivamente, mesmo sem ser músico, e acho que é porque no fundo a vida, tal como a vivo, é o meu Ron Carter, sempre fazendo soar a nota que me impede de tocar a nota que eu achava que ia tocar, e me obrigando a encontrar outra, à queima-roupa, numa fração de segundo.”

(Carlito Azevedo no *Livro das postagens*)

Tô aqui tentando encontrar a nota  
à queima-roupa  
e se o meu instrumento foi destruído?

Na minha última carta, desejoso de esperança  
inspirado pelo seu projeto

JANELAS ABERTAS

anexei o seguinte poema do poeta francês Paul Éluard  
traduzido pelo Guilherme Gontijo Flores

### **E um sorriso**

A noite nunca é plena.  
Tem sempre, pois que digo,  
Pois que afirmo,  
No fim da dor, uma janela aberta  
Uma janela iluminada.  
Tem sempre um sonho que vela,  
Desejo a cumprir, fome a sanar,  
Um peito generoso,  
Uma mão estendida, uma mão bem aberta,  
Dois olhos atentos,  
Uma vida: a vida a partilhar.

e agora para terminar, te envio

outro tesouro do Paul Éluard  
traduzido a quatro mãos pelo Drummond e o Manuel Bandeira  
mas antes eu tenho que te contar uma história sobre ele.

Escrito em 1942, com o título “Une Seule Pensée” (Um Único  
[Pensamento]),  
esse texto foi transportado clandestinamente da França,  
[ocupada pelos nazistas, para a Inglaterra.  
Em 1943, traduzido para vários idiomas, o poema foi  
[distribuído como um panfleto,  
lançado por aviões aliados nos céus da Europa conflagrada.  
O responsável por contrabandear essa preciosidade da França ocupada  
[para a Inglaterra  
foi um artista brasileiro,  
o pintor pernambucano Cícero Dias. [Imagem da capa]

— agora imagine uma chuva com estas palavras caindo sobre o  
Brasil, atualmente ocupado pelo nazi-fascismo. —

Nos meus cadernos de escola  
Nesta carteira nas árvores  
Nas areias e na neve  
Escrevo teu nome

Nas maravilhas das noites  
No pão branco da alvorada  
Nas estações enlaçadas  
Escrevo teu nome

Em toda página lida  
Em toda página branca  
Pedra sangue papel cinza  
Escrevo teu nome

Nos meus farrapos de azul  
No tanque sol que mofou  
No lago lua vivendo  
Escrevo teu nome

Nas imagens redouradas  
Na armadura dos guerreiros  
E na coroa dos reis  
Escrevo teu nome

Nas campinas do horizonte  
Nas asas dos passarinhos  
E no moinho das sombras  
Escrevo teu nome

Nas jungles e no deserto  
Nos ninhos e nas giestas  
No céu da minha infância  
Escrevo teu nome

Em cada sopro de aurora  
Na água do mar nos navios  
Na serrania demente  
Escrevo teu nome



Até na espuma das nuvens  
No suor das tempestades  
Na chuva insípida e espessa  
Escrevo teu nome

Em meu cão guloso e meigo  
Em suas orelhas fitas  
Em sua pata canhestra  
Escrevo teu nome

Nas formas resplandecentes  
Nos sinos das sete cores  
E na física verdade  
Escrevo teu nome

No trampolim desta porta  
Nos objetos familiares  
Na língua do fogo puro  
Escrevo teu nome

Nas veredas acordadas  
E nos caminhos abertos  
Nas praças que regurgitam  
Escrevo teu nome

Em toda carne possuída  
Na frente de meus amigos  
Em cada mão que se estende  
Escrevo teu nome

Na lâmpada que se acende  
Na lâmpada que se apaga  
Em minhas casas reunidas  
Escrevo teu nome

Na vidraça das surpresas  
Nos lábios que estão atentos  
Bem acima do silêncio  
Escrevo teu nome

No fruto partido em dois  
de meu espelho e meu quarto  
Na cama concha vazia  
Escrevo teu nome

Em meus refúgios destruídos  
Em meus faróis desabados  
Nas paredes do meu tédio  
Escrevo teu nome

Na ausência sem mais desejos  
Na solidão despojada  
E nas escadas da morte  
Escrevo teu nome

Na saúde recobrada  
No perigo dissipado  
Na esperança sem memórias  
Escrevo teu nome

E ao poder de uma palavra  
Recomeço minha vida  
Nasci pra te conhecer  
E te chamar

Liberdade

...

é isso Eleo,  
me mande notícias do seu front.

com amor,

Marcelo